



O Perspectivismo de Nietzsche como Relativismo Pragmático

Nietzsche's Perspectivism as Pragmatic Relativism

José Nicolao Julião

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Campinas (Unicamp), professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, e-mail: jnicolao@ufrj.br

Resumo

A rigor não existiria propriamente uma teoria do conhecimento em Nietzsche, o que só seria possível se em um esforço interpretativo juntássemos alguns fragmentos esparsos e algumas passagens desencontradas na obra editada por ele mesmo, dando assim uma configuração teórica da sua doutrina do Perspectivismo. Portanto, neste estudo, procuramos a partir de um conjunto de passagens póstumas e editadas investigar alguns aspectos relevantes da teoria nietzschiana do perspectivismo, relacionando-a com o relativismo e o pragmatismo contemporâneo e com isso, queremos constatar se essa teoria se sustenta enquanto um discurso coerente, ou se ela preserva pelo menos um núcleo rígido que nos permita identificá-la enquanto tal.

Palavras-chave: Perspectivismo. Pragmatismo. Relativismo. Coerência.

Abstract

Strictly not really exist a theory of knowledge in Nietzsche, which would only be possible in an interpretative effort we put together a few scattered fragments and some staggered passages in the work edited by him, thus giving a theoretical setting of his doctrine of Perspectivism. Therefore, in this study we attempted from a set of tickets posthumous and edited investigate some relevant aspects of Nietzsche's theory of perspectivism, relating it to contemporary relativism and pragmatism and so want to appear if this theory is supported as a coherent discourse or if it preserves at least one rigid core that allows us to identify it as such.

Keywords: Perspectivism. Pragmatism. Relativism. Coherence.

O que nossa atual posição em relação à filosofia tem de novo é a convicção que não tinha ainda nenhuma época precedente: *a saber, que nós não temos a verdade*. Todos os homens antes de nós ‘tinham a verdade’, aí compreendidos os céticos¹.

Neste estudo, procuramos investigar alguns aspectos relevantes da teoria nietzschiana do perspectivismo, relacionado-a com o relativismo e o pragmatismo. Para o proposto, além dos textos do filósofo que apresentam uma indicação de tal doutrina, seja embrionariamente como em: *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral* (VM); *Humano, Demasiadamente Humano* (HH I), 32, 33, 34 e (HH II), 39. Seja de forma mais desenvolvida como em: *Gaia Ciência* (GC), 354, 374; *Para Além de Bem e Mal* (BM), 22, 36, *Genealogia da Moral* (GM) III, 12 e também em alguns fragmentos póstumos da KSA, nos volumes XI, XII e XIII, mas, sobretudo, XII, 2(108) e 7(60) que foram mais decisivos para nossa interpretação. Baseamo-nos, também, em alguns comentadores que nos ajudam a esclarecer os textos de Nietzsche sobre a questão, pois, nos mais das vezes, são bastante herméticos e de difícil compreensão. Assim como, indicamos ainda algumas relações que podem ser estabelecias entre as ideias de Nietzsche com certos filósofos da segunda

¹ Cf.: FP de 1880, 3[19]

e terceira geração da filosofia analítica que tentam, apesar dos riscos, manter certo núcleo de coerência acerca do relativismo em suas epistemologias². E, com isso, tentamos dar mais consistência e coerência à doutrina do perspectivismo, pois, apesar do uso que empregamos do termo “doutrina” para definir o pensamento de Nietzsche, ele não seria rigorosamente correto, visto que o filósofo nunca desenvolveu sistematicamente em nenhuma parte da sua obra tal pretensão, apenas indicando de forma fragmentária, esboços dessa, por assim dizer, doutrina.

A doutrina nietzschiana do perspectivismo, que pode ser bem prontamente ilustrada em algumas passagens de sua obra, sobretudo, nas já supracitadas, cai justamente na clássica controvérsia que alude ao relativismo, pois, ao afirmar que “não há verdade, mas tão somente interpretação”, ou seja, perspectivas, parece ir, deste modo, ao encontro da posição do relativismo cognitivo e também moral, dado que para Nietzsche toda disposição da verdade é no fundo um preconceito moral. Um dos aspectos, mais intrigante, da controvérsia em torno do relativismo tanto cognitivo quanto moral - que podem ser respectivamente apresentados nas resumidas asserções, “nenhuma verdade é incondicional” e “nenhum princípio moral é universal” - encontra-se, no fato, dela tender a reduzir-se a tomadas de posição extremadas, e isso tanto no sentido de que o relativismo seria obviamente correto, pois seria uma reação natural à diversidade das opiniões e costumes relativos às diferentes culturas, quanto no sentido de que o relativismo seria trivialmente falso, pois seria uma concepção que nega em seu conteúdo proposicional aquilo que reivindica em sua forma assertória, nomeadamente, validade objetiva. Alheio a essas supostas pretensas refutações, o relativismo persiste como um problema vale dizer, como uma posição que não conseguimos simplesmente descartar em nossas reflexões críticas sobre o conhecimento e a moralidade, mas que também não conseguimos compatibilizar bem com as noções próprias no âmbito tanto cognitivo quanto moral.

Nessa apresentação geral da controvérsia já se destaca um aspecto central para compreendermos essa persistência do problema do relativismo,

² Pensamos aqui em WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations* (Teoria dos jogos de linguagem); PUTNAM, H. *Reason, Truth and History. Realism and Reason e Realism with a Human Face* (realismo Interno); GOODMAN, N. *Ways of Worldmaking*. Indianapolis (Construcionismo); RORTY, R. *Consequences of Pragmatism* e, as vezes também, DAVIDSON, D. *Truth and Interpretation* (pragmatismo); e ABEL, G. *Interpretationswelten: Gegenwartsphilosophie jenseits von Essentialismus und Relativismus* (interpretaçionismo).

a saber: ou ele é bem admitido como um fato natural em nossa existência prática, ou bem é rejeitado como uma concepção inconsistente em nossa visão de mundo; o que cabe aí ser destacado é que, em ambos os casos, nega-se ao relativismo toda e qualquer coerência de fundamentação, pois ele é reduzido, respectivamente, ou a ter a força cega de um condicionamento factual ou a ter a absoluta fraqueza de um contrassenso.

O nosso objetivo é, então, o de tentar socorrer a teoria nietzschiana do perspectivismo de extremismos, tanto de uma posição dogmática, segundo a qual, ela seria obviamente correta enquanto mera constatação de um fato, quanto de uma posição cética, segundo a qual, ela seria trivialmente falsa enquanto autocontraditória. A nossa hipótese interpretativa provisória é que o relativismo pragmático, próprio ao perspectivismo nietzschiano, mantém certo núcleo de coerência, devido haver um critério imanente a sua perspectiva que não incorre em posições extremadas (Podem-se traçar paralelos entre essa ideia e a tese de Putnam do realismo interno que não gera conflito com o que ele nomeia de relativismo conceitual).

Nietzsche - como já afirmamos - em nenhum lugar de sua obra desenvolve, propriamente, tão propalada doutrina do perspectivismo, o que apresenta são ensaios dispersos, fragmentos de doutrinas, tentativas de elaboração de uma teoria, mas que nunca se efetivou de maneira clara. E, em decorrência da falta de clareza na sistematização de suas ideias perspectivistas decorrem, pelo menos, duas interpretações: ou bem ele é incapaz de sistematização e por isso, não deve ser considerado um filósofo com o qual devemos ter uma preocupação reflexiva; ou bem, ele é um pensador que em seu tempo, já revelava uma posição radical quanto ao papel do filósofo e a forma de se fazer filosofia, logo a falta de sistematização não pode ser vista como uma incapacidade, mas bem antes, como uma posição estratégica que merece ser investigada. (superação antecipada do positivismo lógico).

Entre aqueles que consideram Nietzsche como filósofo e desprendem muito esforço a fim de esclarecer o seu pensamento, alguns situam o surgimento embrionário do perspectivismo, aproximadamente, em HHI (1878)³ livro da fase intermediária que marca uma ruptura radical com a primeira fase da sua produção intelectual. Pois, Nietzsche, nos textos

³ É o caso de Danto e Nehamas que veem a segunda fase do desenvolvimento intelectual de Nietzsche, devido à aproximação com as ciências, como sendo signo de pretensão do filósofo de erguer uma teoria científica. Todavia, o surgimento embrionário do perspectivismo pode ser visto no ensaio VM, de 1873.

da primeira fase de sua obra, sobretudo, em *O Nascimento da Tragédia* (NT), fortemente influenciado por Schopenhauer e Wagner, propõe a edificação de uma metafísica de artista em oposição à metafísica racional da grande tradição, e ainda, admite a existência de uma “verdadeira natureza do mundo” a qual o pensamento metafísico racional não poderia ter acesso, mas que o pensamento estético compreendido como trágico, através do coro dionisíaco, de inspiração musical, poderia alcançar. Porém, por mais que o pensamento trágico revele que a natureza do mundo não tem uma estrutura ordenada que ela seja caótica e desordenada, Nietzsche, aí, ainda, admite uma espécie de suporte estético para o mundo o qual irá questionar anos mais tarde, no prefácio tardio ao NT, em 1886. A primeira fase do desenvolvimento intelectual do nosso filósofo, de modo geral, seria guiada por essa ideia, posição segundo a qual o perspectivismo nega radicalmente. O perspectivismo nega a existência de uma “verdadeira natureza do mundo”, e que este tenha um suporte, pois, revela que há tão somente interpretação. Essa ideia ganhará destaque, sobretudo, nos textos da época de BM⁴, nos quais a intenção do filósofo era, então, apontar para um perspectivismo que vá para além das dicotomias valorativas, e, isto está explícito no próprio título da obra - “para além de bem e mal”.

Todavia, como indicamos, o perspectivismo é reportado, em sua forma emergente, na época de HHI⁵, onde o filósofo se apoia nas interpretações científicas – sobretudo das ciências naturais, biologia, química e física; mas também nas ciências do espírito, como história e psicologia (o naturalismo de Nietzsche) – contra as interpretações metafísicas, religiosas e estéticas do mundo. Entretanto, mais cedo, Nietzsche já havia esboçado, no pequeno escrito de 1873, VM, a tarefa de desmistificação da verdade. Na primeira seção, dedicada à crítica da linguagem e da verdade, ele apresenta um esboço da efêmera e irrelevante condição humana no cosmo que faz uso do aparato cognitivo como uma necessidade biológica, ou seja, finge para sobreviver, a verdade é uma mentira coletiva e o impulso dela é um esquecimento e uma repressão inconsciente dessa mentira. Diz Nietzsche:

O que é então a verdade? Uma multidão movente de metáforas, de metonímias, de antropomorfismo, em resumo, um conjunto de relações humanas poeticamente e retoricamente erguidas,

⁴ Cf. BM 22; GC 354, 374; GM III 12 e KSA, XII, pp. 114, 256 e 375.

⁵ Cf., sobretudo, HHI 32, 33, 34.

transpostas, enfeitadas e que depois de um longo uso, parecem a um povo como firmes, canônicas e constrangedoras: as verdades são ilusões que esquecemos que são, metáforas que foram usadas e perderam as suas forças sensíveis, moedas que perderam o cunho e que a partir de então entram em consideração, já não mais como moeda, mas apenas metal. (VM 1).

Nos mencionados parágrafos de HHI, em continuidade com o projeto de a VM, o filósofo considera, em primeiro plano, o rigor científico, a reflexão crítica e a seriedade no conhecimento. Quanto a metafísica e a religião, assim, como a arte são condenadas como ilusões que se têm de superar. No entanto, para dissipar a ideia de que Nietzsche seja um naturalista ou um fisicalista, totalmente crente de que as ciências apresentam uma verdadeira interpretação da realidade, ele adverte que tanto elas quanto a metafísica e a religião, devido à ilusão que lhes são comuns, são também consideradas como formas de arte, pois são invenções e não descobertas. Nesse livro é enfatizado o caráter humano, demasiado humano de tudo o que até então havia sido considerado como sagrado eterno e de origem sobre-humana; por isso, o livro é, em seu conjunto, um repúdio a toda forma de idealismo e a toda pretensão de verdade fundante. A verdade, assim como em a VM, é apresentada como uma ficção moral, que tem sua origem no interesse, mais tarde no hábito e, finalmente, no esquecimento promovido pelo progresso.⁶ Foi, portanto, a humana necessidade de consolo que engendrou toda ilusão metafísica, religiosa e artística.⁷ Foi, sobretudo, a partir de HHI então que o perspectivismo ganhou presença reflexiva na obra do filósofo, alcançando o seu amadurecimento na formulação decisiva da vontade de poder, compreendida como vontade perspectiva, na época de BM. Será, então, no período compreendido entre 1885 e 1887 que Nietzsche chegará mais próximo de elaborar uma doutrina, propriamente dita, do perspectivismo, isto pode ser visto em: (BM 22); (GC 374), intitulado “Nosso Novo Infinito”; e em fragmentos póstumos desta época, contidos nos volumes XI, XII e XIII da KSA, com mais destaque para XII, pp. 114, 256 e 375. Em BM, o filósofo se expressa da seguinte maneira:

Perdoem a esse velho filólogo que sou senão renuncia a abdicar do maligno prazer que representa por o dedo na chaga das explicações errôneas, de vossas fraquezas filológicas. Porque, em verdade, esse

⁶ Cf. (HH II, 39).

⁷ Cf. (HH I, 108, 238).

mecanismo das leis da natureza, de que vós, físicos, falais com tanto orgulho, não é um fato nem um texto, mas uma composição ingenuamente humana dos fatos... Vós também desejais que assim seja e por isso gritais: “vivam as leis da natureza!” Porém, repito, isto é interpretação e não texto... Este filósofo acabaria, contudo, por afirmar, relativamente a este mundo, o mesmo que vós, isto é, que tem um curso “necessário”, “previsível” não pelo fato de estar submetido a leis, mas pela absoluta inexistência de leis e porque a força, a cada instante, vai até a última de suas consequências. Mas como isso não é mais que uma interpretação, já sei o que objetareis: pois bem, tanto melhor! (BM 22).

No quinto livro de a *GC* em continuidade com a passagem supracitada, Nietzsche explicita e acentua ainda mais o caráter perspectivista da existência, devido às múltiplas interpretações possíveis que tonam, por conseguinte, o mundo infinitamente interpretável, diz ele:

Até onde vai o caráter perspectivista da existência ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem sentido, não vem a ser justamente absurda, se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente interpretativa.... Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula modéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se* ter perspectiva. O mundo tornou-se novamente “infinito” para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações* (GC 374).

Nos fragmentos póstumos, Nietzsche também em continuidade com as passagens mencionadas de a *GC* e *BM*, mantém a mesma posição quanto ao caráter infinitamente interpretativo do mundo, devido cada um ter as suas necessidades instintivas para interpretar e acrescenta o caráter errático do mundo, portanto não existe uma única interpretação substancializada em sujeito. O filósofo ainda enfatiza que as interpretações até então existentes são avaliações perspectivas movidas pelo princípio de conservação da espécie e que todo crescimento, fortalecimento e elevação humana se dão através da superação de avaliações mais estreitas. Vejamos:

Que o valor do mundo está em nossa interpretação (...) que as interpretações até então existentes são avaliações perspectivas por meio das quais nós nos conservamos (...) que toda elevação do homem traz consigo a superação de interpretações mais estreitas, que todo o fortalecimento alcançado e todo aumento da potência abre

novas perspectivas e faz crer em novos horizontes – isto atravessa meus escritos. O mundo, que nos importa, é falso, ou seja, não é nenhum fato, mas uma composição e um arredondamento sobre uma fraca soma de observações. O mundo está “em fluxo”, como algo que vem a ser, como uma falsidade que sempre novamente se descola, que jamais se aproxima da verdade – pois não existe nenhuma verdade (FP de 1885, 2[108]).

Infinita possibilidade interpretação do mundo: toda interpretação é um sintoma de crescimento ou declínio (FP de 1886, 7[3]).

Contra o positivismo que fica pelo fenômeno de que “há apenas fatos” eu diria: precisamente o que não existe são fatos, mas tão-só interpretações, não podemos verificar a existência de um único fato em si; talvez seja um absurdo pretender semelhante coisa. “Tudo é subjetivo”, direi vos, mas isso é já interpretação; o sujeito não é nada de dado, mas algo que é acrescentado pela imaginação, algo que metido por detrás será afinal necessário por ainda o interprete atrás da interpretação? Isso já é efabulação, hipótese.

Tanto quanto a palavra “conhecimento” tenha em geral algum sentido, o mundo é cognoscível, mas é diferentemente interpretável, não tem qualquer sentido por trás, mas antes enumeráveis sentidos - “perspectivismo”.

São as nossas necessidades que interpretam o mundo: os nossos instintos, os seus prós e os seus contras. Cada instinto é uma espécie de despotismo, cada um tem a sua perspectiva que gostaria de impor como norma aos restantes instintos (FP de 1886, 7[61]).

Talvez, com base nessas passagens, possamos ter acesso àquilo que o filósofo expressou de forma mais substancial da sua doutrina. Portanto, é preciso ressaltar ainda que introduzir a interpretação nos domínios das peripécias e vicissitudes do mundo a partir de uma proposta de avaliação dos valores que o sustenta, este foi o exercício filosófico primordial de Nietzsche, consistindo seu empenho em superar as noções de fato e de fundamento. É, pois, a rejeição do fundamento, em última instância, que permite reconhecer a recusa, terminantemente, de conceder à construção filosófica uma resposta última e definitiva seja à questão do conhecimento seja às concernentes à moral. Nesse sentido, estende-se a direção da crítica à noção de fundamento tanto buscada pela tradição da grande filosofia, pois entra em questão, outro modo de proceder que, ao derrocar os referenciais semânticos subjacentes

à quase totalidade dos discursos filosóficos, ou seja, “as interpretações até então existentes”, exige que se redimensione a análise, a compreensão, a expressão, enfim, os modos convencionais de apreensão da realidade, pois no “horizonte” estão sempre prontas a se abrirem novas interpretações.

Todavia, se são permitidas infinitas interpretações, então é possível objetar que o perspectivismo caia em um dos principais problemas apontados pela teoria do conhecimento em geral, a saber, no relativismo e conseqüentemente em sua extremidade, no o ceticismo. Pois se cada um tem um ponto de vista, não é possível então pensar em critérios de universalidade e generalidade validos que garantam a regularidade exigida pelo conhecimento, não haveria, assim, qualquer parâmetro de medida no qual se pudesse provar qual é a mais correta e qual a menos correta interpretação. Por isso, o perspectivismo deve estabelecer uma ruptura com o conhecimento tradicional, caso queira ver nele certa coerência em suas pretensões. Entretanto, isso não significa que para o filósofo, tal como muitas passagens podem sugerir, haja uma crença incondicional no método científico a fim de fundamentar uma compreensão segura e validade objetiva. Pois, para Nietzsche a busca por validade objetiva já é uma ilusão, a questão é que todo conhecimento com pretensão de objetividade já está previamente orientado por uma necessidade que o fundamenta, mas que se encontra esquecida como tal. A vontade de conhecimento implica o estabelecimento de uma relação de um sujeito com um objeto, ou seja, coloca-se a realidade em uma determinada perspectiva guiada por um interesse prévio, por um substrato subjetivo. Portanto, à medida, que o sujeito coloca a coisa na perspectiva do conhecimento, isto implica que este próprio esforço de se conhecer algo objetivamente se mostra fracassado. Sempre que se almeja o conhecimento, procura-se alcançar algo simplesmente dado, mas exatamente pelo fato de que o próprio conhecimento se revela um modo de orientação para algo, então isto implica que ela nunca é em si, mas para uma perspectiva. Mas isso não no sentido de que há um objeto simplesmente dado e outra instância que é o sujeito separadamente, Nietzsche nos adverte:

Que as coisas tenham em si uma natureza independente da interpretação e da subjetividade é uma hipótese inteiramente ociosa: isto pressuporia que o interpretar, o ser objetivo não fosse essencial, que algo permanecesse tal e qual mesmo dissolvendo-se todas as suas relações; ao contrário: o aparente caráter objetivo das coisas: não poderia ele resolver-se em uma diferença de grau no interior do subjetivo? Como se o lentamente mutável se nos apresentasse como o “objetivo”, duradouro, “em si”.

- Como se o objetivo fosse apenas uma falsa classe e oposição no interior do subjetivo. (FP de 1887, 9[38])

A relação sujeito-objeto é todo horizonte da relação possível, já que algo parece sempre orientado, a partir de uma perspectiva. Entendido como perspectiva, o conhecimento não se mostra como um método para se chegar a uma coisa simplesmente dada. O sujeito, o horizonte/perspectivista e o objeto não devem ser tomados como três instancias distintas, mas sim como uma unidade, sendo a separação algo derivado e *a posteriori*. Esta unidade é propriamente o fenômeno da perspectiva. Não se faz necessário, portanto, tal como na teoria do conhecimento tradicional, um método que de antemão pudesse assegurar algo que garanta a possibilidade de se chegar ao conhecimento. Kant de certo modo, já havia denunciado esta forma dogmática de se fundamentar o conhecimento. Mas, para Nietzsche, Kant ao criticar o racionalismo dogmático, ficou preso em suas próprias malhas, apenas reformulando-o, pois preestabeleceu as condições de possibilidades *a priori* que são totalmente incondicionadas na estrutura de um sujeito transcendental. Não é surpreendente que Nietzsche rejeite o aparato categorial da filosofia crítica de Kant, pois o vê como um sintoma do próprio dogmatismo que se destinava a combater.

O perspectivismo nietzschiano então se situa para além da compreensão tradicional do conhecimento porque recusa a compreensão subjetiva, em prol de uma noção relacional da realidade. Tal compreensão implica que o mundo se dá em um infinito de relações interpretadas, por conseguinte, quanto maior a perspectiva sobre algo, mais completa será o conceito de objetividade⁸. A compreensão relacional concerne a um pensamento que supera os conceitos tradicionais de conhecimento, por isso, falar de relativismo pressupõe certa cautela, pois que, esta própria visão já compreende um dualismo entre o relativismo e o realismo metafísico que, por sua vez, está calcado em uma visão substancializada do mundo. O relativismo enquanto uma posição do conhecimento só existe enquanto uma visão dualista extremada ao realismo metafísico. No entanto, em toda negação dual, o polo que nega encontra-se determinado por aquilo que ele nega. Pensar na dimensão relacional e perspectiva significa colocar-se em outra instância interpretativa da realidade na qual não cabem dualismos.

Todavia, outras questões podem ser suscitadas nesta compreensão perspectivista de Nietzsche, a saber, se o seu próprio pensamento é uma

⁸ Cf. (GM III, 12).

perspectiva entre outras, ou se ele considera que o perspectivismo é uma compreensão interpretativamente privilegiada? No primeiro caso, Nietzsche teria que afirmar que a sua própria perspectiva é mais uma dentre todas as outras posições, mesmo as que negam o perspectivismo, o que comprometeria, desgraçadamente, a sua tese, pois seria necessário afirmar que teses contrárias também são válidas. No segundo caso, a tese também se complica, pois, então a perspectiva teria que ser tomada como fundamento o que também a contraria, pois se cai naquilo que se pretendia combater, o dogmatismo. Entretanto, se considerarmos que para Nietzsche há uma situação privilegiada, ou seja, aquela que participa da compreensão da realidade como perspectiva, então, esta visão privilegiada não pode ser entendida como a visão abstrata como um ponto ideal, verdadeiro fora de qualquer relação, ao contrário pensar a perspectiva significa pensar para além da vontade de verdade e fundamento. Trata-se do empenho do filósofo em tentar mostrar que, por detrás daquilo que aparece enquanto interpretação, não há um fundamento oculto ao qual se possam remeter as perspectivas, mas que são as próprias perspectivas que se manifestam como aquilo que são, ou seja, instintos disputando o poder. A questão da verdade e do fundamento, desta forma, em Nietzsche, não é nada que seja dado, mas tem de ser criado, modificado e o critério que ele estabeleceu para isso, ele assenta na intensificação da potência (*Machtsteigerung*)⁹.

É, em última instância, a intensificação do poder que segundo Nietzsche - poderíamos afirmar com cautela - serve de critério para se saber qual é a interpretação mais válida, pois, para ele, na história da grande tradição filosófica, prevaleceu um critério de penúria, o princípio de conservação, sendo verdadeiro então aquilo que é útil para a manutenção da vida. Quando Nietzsche aponta para a verdade enquanto convenção sustentada pelo princípio de conservação, aproximando-se assim do pragmatismo¹⁰, o que

⁹ FP de 1887, 10[165], [166] (VP. § 89). Cf.: sobre essa questão Müller-Lauter, “*Nietzsche Lehre von Willen zur Macht*”. In Nietzsche-Studien, vol. VIII, 1974.

¹⁰ O vínculo de Nietzsche com o pragmatismo é antigo, Rorty cita um livro publicado na França em 1908, intitulado *Nietzsche, ou Le pragmatisme allemand*. (Cf.: *Nietzsche, Sócrates e o Pragmatismo*. Trad. de Paulo Ghiraldelli, in *Cadernos Nietzsche*, N°4, São Paulo: Discurso Editorial, 1998. P. 9). Émile Durkheim, em curso inédito proferido na Sorbonne, em 1914-1913, sobre o *Pragmatisme et la Sociologie*, além de dedicar a primeira unidade a Nietzsche, ainda cita a obra de René Berthelot *Um Romantisme utilitaire. Étude sur Le mouvement pragmatiste*, tome 1 : *Le Pragmatisme chez Nietzsche et chez Poincaré*, Paris, Alcan, 1911. Em 1965, Arthur Danto escreveu o seu livro *Nietzsche as Philosopher*, uma das mais originais e ricas interpretações sobre a Filosofia

ele está explicitamente afirmando é que a verdade é uma ficção, então porque estabelecemos tais ficções? Porque elas nos são úteis e necessárias para viver¹¹, responde Nietzsche. Elas são ficções, logo são falsas, mas devem ser crenças verdadeiras para que os seres da nossa espécie possam se conservar. Aquilo que nos ajudou a viver sobreviveu, o que não foi útil desapareceu:

Nenhum ser vivo teria se conservado, caso a tendência para afirmar, antes que para adiar o julgamento, de errar e inventar antes que guardar, de assentir antes de negar, de julgar antes que ser justo - não tivesse sido cultivada com extraordinária força - A sequência de pensamentos e inferências lógicas em nosso cérebro atual corresponde a um processo e a uma luta de impulsos que, tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos; geralmente experimentamos apenas o resultado da luta: tão rápido e tão oculto opera hoje em nós esse antigo mecanismo. (GC 111).

É, pois a utilidade que, para Nietzsche, determina os julgamentos considerados verdadeiros e os descartados como falsos. Ora que a verdade é útil, isso é o próprio princípio do pragmatismo. Arthur Danto chegou até formular logicamente este critério de verdade pragmático de Nietzsche da seguinte maneira: “p é verdadeiro e q é falso se somente se p funciona e q não”.¹²

nietzschiana, com um instrumental analítico, aproximando Nietzsche do pragmatismo do segundo Wittgenstein. Habermas escreveu, em sua fase pragmatista dos anos 60, dois textos sobre as posições pragmáticas de Nietzsche, um em *Erkenntnis und Interesse*. Frankfurt: Suhrkamp, 1968. O outro, do mesmo ano, trata-se de um posfácio a uma coletânea de textos de Nietzsche sobre o conhecimento, *F. Nietzsche, Erkenntnistheoretische Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1968. Richard Rorty, talvez, o maior pragmatista contemporâneo, além do artigo supracitado tem outros estudos sobre Nietzsche em seus *Escritos*.

¹¹ Essa tese não é amplamente aceita entre os interpretes de Nietzsche, pois alguns a consideram como uma espécie radical de pragmatismo e, conseqüentemente, de perspectivismo que falsifica a realidade externa ao admitir que todo conhecimento é ficção necessária e útil. Por exemplo, Maudemarie Clark, em *Nietzsche on Truth and Philosophy*, critica a interpretação do perspectivismo de Danto, apresentada em seu livro *Nietzsche as Philosopher*, devido cair numa posição radical do perspectivismo que falsifica a realidade, propõe então um rebaixamento dessa tese, em prol de uma interpretação que valoriza a metáfora da perspectiva como um plano retórico designado a socorrer e a superar a desvalorização do conhecimento humano envolvido na tese da falsificação. Cf. *Nietzsche on Truth and Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Cf.: pp. 150 a 158.

¹² Cf. Nietzsche as Philosopher, Nova York, Macmillan, 1965.P. 72.

Há, no entanto, entre o pensamento de Nietzsche e o pragmatismo diferenças profundas. Notemos que Nietzsche não diz que o que é útil é verdadeiro, mas o que parece verdadeiro foi estabelecido por utilidade. Em sua opinião, o útil é falso. Há, segundo ele, outra forma da verdade, há uma verdade que só os espíritos livres podem alcançar, qual seja, aquela da intensificação da potência.

Referências

ABEL, G. **Interpretationswelten.** *Gegenwartsphilosophie jenseits von Essentialismus und Relativismus.* Frankfurt am Main: Suhrkamp 1993.

ABEL, G. **Sprache, Zeichen, Interpretation,** Frankfurt am Main: Suhrkamp 1999.

ABEL, G. **Zeichen der Wirklichkeit.** Frankfurt am Main: Suhrkamp 2004.

ABEL, G. **Verdade e Interpretação.** Trad. de Clademir Araldi in *Cadernos Nietzsche*, Nº12, São Paulo: Discurso Editorial, 2002

BARNES, B. **Realism, Relativism and Finitism.** Raven et al. (eds.). *Cognitive Relativism and Social Science.* Transaction Publisher, 1992.

BERNSTEIN, R.J. **Beyond Objectivism and Relativism:** Science, Hermeneutics, and Praxis. Blackwell, 1983.

BERTHELOT, R. **Un Romantisme utilitaire.** Étude sur le mouvement pragmatiste, tome 1 : le Pragmatisme chez Nietzsche et chez Poincaré, Paris, Alcan, 1911.

CLARK, M. **Nietzsche on Truth and Philosophy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DANTON, A. **Nietzsche as Philosopher,** Nova York, Macmillan, 1965.

DAVIDSON, D. **Truth and Interpretation.** Clarendon Press, 1974. Mit Emphase: "On the Very Idea of a conceptual Scheme". In: idem.

DAVIDSON, D. The Myth of the Subjective. In: KRAUSZ, M. (ed.). **Relativism: Interpretation and Confrontation.** University of Notre Dame Press, 1989.

-
- DEVITT, M. **Realism and Truth**. Blackwell, 1984.
- DUMMETT, M. **Truth and Other Enigmas**. Harvard University Press, 1978.
- DURKHEIM, É. **Pragmatisme et sociologie**. Cours inédit prononcé à La Sorbonne en 1913-1914 et restitué par Armand Cuvillier d'après des notes d'étudiants. Paris: Vrin, 1955.
- FIGAL, Johann: **Interpretation als philosophisches Prinzip**, Friedrich Nietzsches universale Theorie der Auslegung im späten Nachlaß, Berlin, New York, 1982.
- GERHARDT, Volker. **Pathos und Distanz**. Stuttgart: Reclam, 1988.
- GOODMAN, N. **Ways of Worldmaking**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1978.
- GRIMM, Rüdiger. **Nietzsche's Theory of Knowledge** (Foundations of Communication), 1977.
- HABERMAS, J. **Erkenntnis und Interesse**. Frankfurt: Suhrkamp, 1968.
- HABERMAS, J. **F. Nietzsche**, *Erkenntnistheoretische Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1968.
- HESSE, M.. "Science Beyond Realism and Relativism". In: Raven & Tijssen & Wolf (eds.). **Cognitive Relativism and Social Science**. Transaction Publisher, 1992.
- HOLLIS, M. & LUKES, S.. **Rationality and Relativism**. Blackwell, 1982.
- KIRKHAM, R. **Theories of Truth. A Critical Introduction**, Cambridge/M., MIT Press, 1995.
- KRAUSZ, M. (ed.). (1989). **Relativism: Interpretation and Confrontation**. University of Notre Dame Press 7365
- KRAUSZ, M. & MEILAND, J. (eds.). (1982). **Relativism: Cognitive and Moral**. University of Notre Dame Press.
- LAUTER, M. Nietzsche Lehre von Willen zur Macht. In **Nietzsche-Studien**, 1974.
- MARQUES, A. **A filosofia perspectivista de Nietzsche**. São Paulo: Discursos; Ijuí: Unijuí, 2003.

-
- NEHAMAS, Alexander. **Nietzsche, Life as Literature**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- POELLNER, P. **Nietzsche and Metaphysics**. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- POELLNER, P. Perspectival Truth. In: LEITER. B.; RICHARDSON, J. (Ed.). **Nietzsche**. Oxford; New York : Oxford University Press, 2001.
- PUTNAM, H. **Reason, Truth and History**. Cambridge University Press, 1981.
- PUTNAM, H. **Realism and Reason**. Cambridge U.P., Cambridge, 1983.
- PUTNAM, H. **Realism with a Human Face**. Harvard University Press, 1990.
- PUTNAM, H. **The Collapse of the Factue/Value Dichotomy and Other Essays**. Harvard University Press, 2002.
- RAVEN & TIJSSEN & WOLF (eds.). **Cognitive Relativism and Social Science**. Transaction Publisher, 1992.
- RORTY, R. “Introduction: Pragmatism and post-Nietzschean philosophy”. In: **Essays in Heidegger and Others**. *Philosophical Papers*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- RORTY, R. **Nietzsche, Sócrates e o Pragmatismo**. Trad. de Paulo Ghiraldelli, in *Cadernos Nietzsche*, N°4, São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- SEARLE, John R. **Rationality and Realism**, What is at stake. Reprinted by permission of Dædalus, Journal of the American Academy of Arts and Sciences, from the issue entitled, “The American Research University”, Fall 1993, Vol. 122, No. 4.
- VAIHINGER, Hans. **Nietzsche als Philosoph**. Berlin: 1916.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Oxford: Blackwell, 1953.

Recebido: 02/02/2014

Received: 02/02/2014

Aprovado: 03/04/2014

Approved: 04/03/2014